

Ocaso

Samuel Medina

O homem de meia-idade vestia um robe vermelho de seda, com um belo dragão chinês bordado nas costas. Os raios do poente vinham emoldurar a bela imagem do dragão nas costas do homem amarelo. O bigode castanho, espesso, cobria o lábio superior daquele rosto cavado e duro. Duro como o mogno lavrado. Olhos atentos, austeros, aguardavam com um misto de devoção e autoridade o realizar-se daquela quase-transfiguração.

As horas foram sacrificadas naquele momento escasso. O homem estava só, régio, ainda que cercado por estátuas de magnitudes inferiores. Amortecido e estagnado, tudo parecia morrer em atenta exasperação. Somente o dragão parece vivo, com suas cores quase predadoras. O robe deixa exposto o peito coberto de pêlos castanhos e lisos como os de um homem jovem. Uma cicatriz escapava furtiva, um risco sofrido que ainda sangrava por dentro. O peito do homem sofria múltiplos ocasos a cada segundo esvaído.

Era o dragão, triste entidade, que ansiava liberdade. Suas garras estavam abertas com energia, quase irrompendo das costas do homem. A cauda sinuosa se estendia ao longo do robe vermelho, sua ponta quase tocando o chão. A formidável criatura debatia-se num delicado mar de sangue. Sua morte era plástica, estética, primordial. Vivo, o dragão era aquele que mais sofria a cicatriz do homem sorridente. O impulso vazio do fogo, o desejo ardente, enlouquecido pelas horas ébrias. O poente a tudo tomava, expandindo-se no assoalho amarelo, na pele também amarela dos presentes, nos dentes amarelos expostos no sorriso melancólico do homem.

Foi no momento em que as imagens voltaram a se mover que todos de fato viram. Era o ocaso necessário para que o dragão pudesse enfim alçar vôo. As posições se alternaram, alguns inevitavelmente não puderam compreender. Somente sabiam. O sol então mergulhou no horizonte, rebatendo enfim a última revoadada de existência.